

## **A Moda do Corpo** *The Fashion of the Body*

Flávia Cecília da Silva Medeiros  
Mestranda em Psicologia – *Unifor*, Brasil  
flaviacecílias@hotmail.com

MSc. Cyntia Tavares Marques de Queiroz  
Universidade Federal do Ceará, Brasil  
cyntiatavares@yahoo.com.br

### **Resumo**

O presente trabalho evidencia o corpo como um dos meios que registram as mudanças sociais, assim como o vestuário. A partir de uma revisão bibliográfica e do conceito das técnicas corporais de Mauss (1974), observa-se que a construção do corpo, assim como da moda, está intrinsecamente atrelada aos ditos socioculturais.

**Palavras Chave:** Corpo; moda; treinamento corporal.

### **Abstract**

This work aims at emphasizing the body as one of the way that record social changes, as well as clothing. From a literature review and the concept of body techniques of Mauss (1974), it was noted that the construction of the body, as well as fashion, is inextricably tied to sociocultural values.

**Keywords:** Body; fashion; body training.

### **Introdução**

Da mesma forma como o vestuário se torna a moda que conhecemos na entrada da modernidade, tal revolução igualmente alcança patamares ligados ao corpo, que ganha novos ares. Uma nova dimensão na maneira de lidar com a estrutura física do indivíduo e com todos os processos ligados a ele, como o comportamento, a higiene, o vestir dentre outros, se reorganiza.

Esse início da Idade Moderna e o desabitar da Idade Media é marcado pelas profundas alterações demográficas e sociais ocasionadas, primordialmente, pela transição dos feudos às cidades. E, a partir dessas densas transformações seria improvável que o corpo, também social, ficasse ileso. Nesse momento, como também em épocas ainda mais remotas, o corpo segue (re) adaptando-se, (re) constituindo-se, (re) modelando-se, de acordo com a ordem do dia.

Para tanto, cabe resgatar as técnicas corporais, tão amplamente exploradas por Mauss (1974). Para o autor a sociedade e os homens se servem de seus próprios corpos para contar a história de sua época. Ou seja, assim como a vestimenta denuncia e caracteriza períodos, o mesmo incide quando se trata de atitudes corporais. Dessa forma, o arcabouço que delimita fisicamente o indivíduo é nada menos que um território social.

### **Vestir: uma técnica corporal**

Mauss (1974) afirma que é através do corpo que se tem a noção da natureza social do “*habitus*”, do adquirido, sendo a arte de utilizá-lo efeito da educação, da conveniência e modas sociais. O apreendido vai além da simples repetição do outro, exige técnica que é obra da razão prática coletiva e individual. É possível afirmar que não existe uma maneira natural de ser. O autor considera que a técnica corporal nasce da tradição e da transmissão e o que existe é o treinamento, o adestramento que deságua no “*habitus*”. Bauman (1997), na mesma linha, enfatiza que nascemos em um contexto pré-definido. Até escrevemos algumas linhas ou páginas, mas a cartilha social e individual já teve início e o que for novo partirá daí.

Seria possível, então, arriscar acrescentar à enumeração biográfica das técnicas corporais de Mauss (1974) mais uma técnica? Seria viável incluir à técnica do nascimento, da infância, da adolescência, da idade adulta, técnicas do sono, do repouso, do movimento, dos cuidados corporais, dentre outros, a técnica do vestir? Segundo Barthes (2009), a roupa diz respeito a todo o corpo, a todas as relações do homem com o corpo, bem como às relações do homem com a sociedade. Ou seja, independente se a sociedade está na era da moda ou “não moda”, o ato de vestir, assim como as demais técnicas, também resulta do treinamento.

O filme *Maria Antonieta* retrata esse momento em que o corpo passa pelo treinamento social. No início do filme, há uma cena, em que a princesa Maria Antonieta, chega ao acampamento “pré-civilizatório”, é um momento de preparação para conhecer o futuro marido, príncipe da França. Ali ela será impelida a deixar para trás toda bagagem física e psíquica trazida da Áustria, sua terra natal. No momento em que adentra o palácio francês improvisado, no meio da floresta, recebe seus primeiros adestramentos para submergir e

representar os valores e “*habitus*” da sociedade francesa. Dentro desse espaço é despida das acompanhantes, do animal de estimação e das roupas austríacas e, ao deixar o acampamento, para encontrar o noivo, aparece nos moldes de uma mulher francesa. Antes mesmo de emitir qualquer palavra, sua aparência reflete a moda e os modos franceses da época: vestido longo com ancas, espartilho, cabelo bem modelado e a maquiagem que se assemelhava a uma máscara branca no rosto.

Essas são as palavras da receptora, a quem foi confiado os primeiros passos do treinamento:

Essa estrutura foi construída precisamente sobre a fronteira dos dois grandes países. Você entrou em solo austríaco e sairá em solo francês, como a princesa da França. Agora você deve se despedir das suas criadas e deixar tudo da Áustria para trás... É um costume que a noiva não mantenha nada pertencente a outro país. Uma regra de etiqueta sempre observada em tal ocasião. (Trecho do filme *Maria Antonieta*)

Nesse contexto, parece ser viável valer-se da teoria de Mauss (1974) e seus desdobramentos para acomodar o modo de vestir-se, ornar-se de uma sociedade como sendo, igualmente, uma técnica corporal. Afinal, o corpo como um objeto histórico e cultural “é constituído também por seu entorno, pelas roupas, pelos acessórios que o adornam, pela imagem que dele se produz” (GOELLNER, 2003, pp.28-29), bem como pela educação dos seus gestos. Como afirma Dias (1997), o homem já nasce vestido, ou seja, a educação corporal de uma sociedade tem como pressuposto também a educação no vestir.

### **Corpo em voga**

Recentemente, o prefeito de La Toba, um dos menores municípios do mundo, situado na Espanha, assinou uma lei que se assemelha a uma convenção de condomínio. O decreto é uma espécie de código de boas maneiras que regula a convivência dos habitantes locais. As quarenta e duas regras viraram, nas redes televisivas e jornais, motivo de piadas. Entre as normas mais comentadas estão: não arrotar em público, não tossir, espirrar, nem bocejar sem cobrir a boca e, curiosamente, não emitir flatulências perto de outras pessoas. O prefeito afirma não poder fiscalizar, mas conta com a

colaboração e bom senso de todos. (Disponível em [www.folhadecerquilho.com.br/index.php/noticias/politica/914-naespanha-e-em-cerquilho-lei-vira-chacota#.T9JbMsVO-So](http://www.folhadecerquilho.com.br/index.php/noticias/politica/914-naespanha-e-em-cerquilho-lei-vira-chacota#.T9JbMsVO-So). Acesso em 8 de abril de 2013).

Todos esses comportamentos exigidos por esse prefeito, a princípio, nos parecem normais e naturais do ser humano. Então, porque criar uma lei? Kehl (2003) aponta que o indivíduo, assim como seu corpo, está intrinsecamente atrelado à trama discursiva em que está inserido. Mauss (1974), também mostra que o corpo, bem como suas funções, está condicionado à rede de troca que o sujeito estabelece, mas vai além, acredita ser improvável existir um comportamento natural no adulto.

Tal atitude do governante, apesar de causar espanto, não foi um ato original. O ocorrido parece remontar o palco das cortes francesas, onde o corpo passa por um extenso processo civilizatório (ELIAS,1994). Nesse período, que inaugura a modernidade, um novo corpo, nos moldes franceses, foi (re) construído. O eu e as funções corporais se dissociam, assim como o homem e seus semelhantes, assim como o espírito e o corpo (KEHL, 2003). Eis o corpo na moda, como afirma Del Priore (2011, p.15): “o humanismo coloca o homem no centro do mundo – e não mais Deus –, descobrindo-se os corpos”.

Quanto ao processo de civilização do corpo, Elias (1994) frisa ser um fenômeno de resposta à passagem da Idade Média para a Moderna, ou como prefere o autor, a passagem do período de vivência feudal para a vivência das cortes. Convém ressaltar que essa transição é marcada por um lado, pela movimentação social, a ascensão de classes, e por outro lado pela movimentação geográfica, que resultam na aglomeração de indivíduos nas cidades.

No entanto, há implicações na aproximação desses corpos, logo tornando difícil a convivência. Del Priore (2011) descreve algumas das situações que, antes do doutrinamento das funções corporais, dificultavam a coexistência saudável, nos moldes que conhecemos hoje. O uso dos penicos, por exemplo, era freqüente e os mesmos ficavam espalhados pela casa e o conteúdo jogado nas ruas, a casa nunca era limpa com água, as roupas pouco ou nunca lavadas, cuspir no chão da casa ou assuar o nariz com a toalha da

mesa também faziam parte dessa lista. Tudo que hoje seria naturalmente impensado de praticar. Ora, como então conviver bem com o crescimento do espaço privado? Como lidar com os autoconstrangimentos trazidos pela modernidade?

Viver em sociedade exigiu um extenuante trabalho disciplinar dos corpos. Kehl (2003) afirma que só assim foi possível viver cada vez mais com estranhos, a partir das regras de contenção corporal ou, segundo Del Priore (2011,p.15), regras para o polimento das condutas, o que “Michael Foucault chamou de cuidado de si; uma esfera cada vez mais definida entre o público e o privado”.

Nesse período, na França do século XVI, muitos manuais de condutas corporais foram divulgados, inclusive a nova lei do município da Espanha, divulgada em 2012. Ambos são manuais de civilidade. Graças a essas cartilhas, que ditam as regras da boa conduta, há a transformação, no início da modernidade, da maneira “despudorada” que o homem medieval se relacionava com suas funções corporais (KEHL, 2003), bem como com o vestuário. Para tanto, a absorção de tais regras, de forma espontânea, teve como pano de fundo a vontade de ser aceito pela nobreza. Não é por acaso que Elias (1994) classifica essa passagem como sendo dos feudos à corte. Não basta ser burguês ou ter posses. Para cair nas graças da sociedade da corte é indispensável ter modos, ou seja, o polimento, a vestimenta e o controle corporal eram o próprio ensinamento da corte francesa.

O controle do corpo, no processo civilizatório, submergiu de forma tão significativa na sociedade francesa que alcançou, de forma peculiar, patamares olfativos que, ainda hoje, permite à França ocupar lugar de destaque na tradição da perfumaria. No período medieval, para a igreja católica, renunciar ao banho era sinônimo de santidade, já que esses eram públicos e poderiam aguçar a sexualidade. Somado a abstinência da água era comum o odor corporal ser enaltecido pela essência âmbar que é forte, sensual e de origem animal. Entretanto, o corpo civilizado ansiava por calma e suavidade e, nesse caso, nada como o cheiro da lavanda fresca, retirada do campo, para apaziguar as sensações corporais. Em outras palavras, “um simples perfume aguçava a consciência de si, aumentando o espaço entre o próprio cheiro e o

dos outros” (DEL PRIORE, 2011, p.21). Assim, tanto o forte odor quanto atitudes mais bruscas de outrora passam a ser reconhecidas como características de pessoas rústicas, sem polimento, desprovidas de civilidade.

O processo civilizatório foi tão repressor que afastou do convívio social todas as referências diretas às funções corporais (KEHL, 2003). Del Priore (2011), ainda acrescenta que as experiências de prazer e de agressividade, permitidas à sociedade medieval, são abandonadas. A partir disso, há a reorganização do comportamento do homem diante do outro, uma nova relação entre os corpos que também direciona mudanças estruturais da personalidade.

### **Customização corporal**

Tanto na discussão de Mauss (1974) quanto na “excursão da cabeça aos pés” feita por Morris (2005), fica evidente: o corpo é um objeto social. Nesse sentido, Mauss (1974) pontua que o corpo é definido por nossos ancestrais, tem sua carga genética como estrutura inicial, mas também é construído pela comunidade e período em que se vive. Na mesma linha, Morris (2005) afirma que, apesar do corpo natural, inerente ao sujeito, as sociedades humanas tentaram melhorar essa natureza, modificando o corpo.

O corpo é a estrutura que define a nossa existência. Através dele nossa cultura, tribo, profissão e localização são denunciados. Por mais que as religiões acreditem na soberania do espírito, “todo o vínculo com a experiência e com o mundo defini-se a partir do corpo” (CARVALHO, 2003, p.85). É com essa estrutura que o mundo é captado, interpretado e comunicado. O trecho da celebre música do Tom Jobim, Garota de Ipanema, demonstra isso de forma clara:

Moça do corpo dourado / Do Sol de Ipanema / O seu  
balançado é mais que um poema / É a coisa mais linda  
Que eu já vi passar... (TOM JOBIM)

Essa mulher não anda simplesmente. Ela tem um balançar. O corpo não tem o pantone natural da pele, mas sim o bronzeado incorporado após horas, anos de dedicação ao sol de Ipanema. Essa é a beleza típica da carioca. Mas não basta ser carioca, a moda é ser de Ipanema. Como afirma Maria Rita Kehl (2003, p. 249), “a cultura produz o corpo que lhe convém” e nem sempre foi

esse corpo dourado o da moda. Muito menos foi possível sempre andar com esse balançar ou simplesmente andar.

Para tanto, o corpo, que é natural, mas também responde ao social, precisa ter como aliado alguns artifícios indispensáveis para se adequar ao discurso do meio. Nesse empenho à adaptação, o vestuário e tudo que o envolve ganha amplo espaço e se torna um forte cúmplice. É preciso confessar que algumas vezes cruel e doloroso, mas que responde prontamente às elaborações sociais de cada época, como no caso, por exemplo, da valorização dos pés femininos.

A customização dos pés há tempos faz parte do universo da perfeição feminina e essa herança ainda perpetua na atualidade. Mas como tudo isso começou? Morris (2005) explica que essa história teve início na China, no século X. Pé pequeno para mulher, no país, era sinônimo de beleza, feminilidade e erotismo, essenciais para um bom casamento. Para o autor, a fantasia da delicadeza desse membro tinha como pano de fundo as idéias eróticas. Entretanto, no afã de responder aos ditos sociais, o pé da moda passa por um extenuante “treinamento” desde a infância. As meninas de boa família, na China, a partir dos seis anos, tinham os pés atados, com os dedos curvados para trás. Aliado a essa rotina, os calçados usados eram cada vez menores. Todo esse ritual impedia seu crescimento e ainda os deformava. Contudo, essa mulher de alta casta, “erotizada” pelos pés da moda, na idade adulta estaria pronta para ocupar o lugar que lhe cabia, a de uma esposa dedicada.

Esse mundo simbólico, criado em torno da sensualidade dos pés, atravessou culturas. O cuidado era tamanho que, mesmo quando o banho era escasso e proibido, na Idade Média, a prática da limpeza dessa parte do corpo era cultivada. Como enfatiza Del Priore (2011, p.29): “As outras partes do corpo, com exceção dos pés, eram menos valorizadas”.

As técnicas de customização dos pés também cruzaram oceanos e alcançaram outros séculos, sendo amplamente empregado pelos fabricantes de calçados. Morris (2005) afirma que os segredos eram em primeiro lugar usar calçados menores que os pés, para apertá-los, como na China. Segundo, os sapatos eram fabricados bem pontudos para torná-los mais estreitos. E, em terceiro, acrescentavam saltos que promoviam uma ilusão de ótica: ao levantar

o calcanhar os fazia parecer menores. O autor ainda acrescenta que mulheres da alta sociedade fizeram fama por terem decepado o dedo mindinho para que os pés vestissem os belos sapatos pontiagudos. Um caminho tão ousado quanto à prática chinesa para conquistar a forma da vez.

No século XVIII, época em que as roupas mais cobriam que descobriam os corpos, a fixação pelos pés se manteve. Del Priore (2011) aponta que a pequenez, a delicadeza e a boa curvatura dos pés femininos denunciavam a nobreza de sangue nos salões franceses. Para tanto, além de empregar as técnicas já expostas, como o sapato apertado, o salto alto e o bico fino, acrescentava-se uma pitada de ócio. Ou seja, a dona de pés perfeitos mal caminhava, para não desvirtuar tal beleza. Esse jogo da “aparência colaborava para acentuar a diferença: a mulher tinha que ser dona de pés minúsculos” (DEL PRIORE, 2011, p.72). Assim, se diferenciaria da plebe, detentores de pés marcados e largos. Dessa forma, a partir do corpo construído, bem como acontece com o vestuário, o território social é delimitado e reafirmado.

## **Conclusão**

Como se pôde ver, o corpo virou moda, de uma forma diferente de outros períodos da história. Na entrada da modernidade, foi necessário polir, conter, vestir, cuidar, perfumar, domar para civilizar. Assim, o homem moderno pretende tudo controlar, tudo saber, ter uma consciência vigilante de si e dos seus atos. Entretanto, tanto Del Priore (2011) quanto Elias (1994) concordam que essa transformação teve seu preço e que as experiências, ligadas ao corpo, doutrinadas e renunciadas vão de alguma forma encontrar uma porta entreaberta. Para esses autores, o que o indivíduo civilizado foi instigado a abandonar foi sendo substituído, sublimado pela experiência estética e de consumo.

As proibições que se abatiam sobre a sociedade se tornaram um trampolim para todo o tipo de fantasia... Enquanto isso, o espaço doméstico da casa burguesa se via invadido por objetos manufaturados. Conforto rimava com felicidade. (DEL PRIORE, 2011, p.101)

Carvalho (2003, p.86), ainda demonstra que “em função do corpo estabelecemos nossa identidade pessoal, nossa diferença em relação aos

outros, nossa presença”, bem como nosso grupo e nosso pertencimento. Partindo dessa afirmação e da necessidade de (re) modelamento corporal, imperativo à permeabilidade social, parece claro afirmar que o vestuário ganha *status* de segunda pele; com DNA social, é claro. Sobre isso o autor ainda afirma que a roupa é uma ferramenta que nos é exterior apenas na aparência e, à medida que novas exigências sociais surgem, a segunda pele renasce e é incorporada. Isso faz supor que a moda, assim como o costume, é o corpo do corpo e dela é possível inferir o treinamento de um homem.

## Referências

- BARTHES, R. **Sistema da moda**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2009.
- BAUMAN, Z. **Mal estar da pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.
- CARVALHO, M.S. Complexo como uma máquina: considerações sobre o corpo e a tecnologia. In: D.D.M. Almeida (org). **Corpo em ética: perspectivas de uma educação cidadã**. São Bernardo Do Campo: Umesp, 2003.
- COSTA, M. Corpo e redes. In: Domingues, D. (org). **A arte no século XXI: a humanização das tecnologias**. São Paulo: UNESP, 1997.
- DEL PRIORE, M. **Histórias íntimas: sexualidade e erotismo na história do Brasil**. São Paulo: Planeta do Brasil, 2011.
- DIAS, M.M. **Moda divina decadência: ensaio psicanalítico**. São Paulo: Cespuc, 1997.
- ELIAS, N. **O processo civilizador: uma história dos costumes** (vol.1). Rio de Janeiro: Zahar, 1994.
- GOELLNER, S.V. (2005). A produção cultural do corpo. In: G.L. Louro, J. Felipe, S.V. Goellner (Orgs.). **Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação** (2a Ed.). Petrópolis: Vozes.
- KELH, M. R. As máquinas falantes. In: A. Novaes (org). **O Homem – Máquina: a ciência manipula o corpo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- MAUSS, M. As técnicas corporais. In: **Sociologia e antropologia**. São Paulo: EPU/EDUSP, 1974.
- MORRIS, D. **A mulher nua: um estudo do corpo feminino**. São Paulo: Globo, 2005.
- SEELING, C. **Fashion: the century of the designer 1900 – 1999**. Itália: Könemann, 2000.
- <http://www.folhadecerquilha.com.br/index.php/noticias/politica/914-naespanha-e-em-cerquilha-lei-vira-chacota#.T9JbMsVO-So>. Acesso em 8 de abril de 2013.